

Bernardo Peres da Silva

BERNARDO PERES DA SILVA

I

> ...il fut un météore, qui, apparu un moment dans les horizons politiques, et presqu'aussitot disparu, en laissant aprés lui une trainée lumineuse, que toutes nos folies et toutes nos fautes n'ont pu effacer du sol de la patrie.
>
> *Alexandre Herculano.*

Quando a Providencia nos seus inescrutaveis decretos intenta mudar a sorte de um paiz ou regenerar uma sociedade, cria homens extraordinarios, superiores na energia da vontade e no arrojo do commettimento, os quaes não são senão a idéa feita carne, as personificações da transformação social, que pela intelligencia definem o progresso, pelo esforço anticipam-n'o, e pelo poder firmam-n'o nas instituições, nos habitos e nos costumes dos povos, cumprindo a sua missão na terra, e fundando a liberdade e a civilisação.

Esses homens, pelo patriotismo que os illumina, pelos sacrificios civicos que praticam, e pelo talento com que dominam sobre as multidões, careiam o respeito dos contemporaneos e a veneração da posteridade; e a sua historia se consubstancia tão intimamente com a historia do paiz que governam, que cada feito da sua dedicação patriotica não se explica sem se explicar cada pagina da vida dos povos. Os patriotas são assim; a sua familia é o povo. Nascem, vivem, morrem e julgam-se com elle. Seria tão inintelligivel, se se fallasse dos rasgados commettimentos que abalaram um paiz sem fallar dos que lhe imprimiram o impulso, como o seria se se fallasse da liberdade do Novo Mundo sem mencionar Washington; da reacção da egualdade sobre a escravidão n'essas mesmas paragens sem honrar Lincoln; da unidade italiana sem exaltar Cavour e Garibaldi; da constituição portugueza sem pagar o tributo de saudade á memoria do magnanimo imperador.

Se todos estes heroes são inseparaveis da historia dos paizes, onde deixaram profundos vestigios da sua existencia, para a verdadaira apreciação do progresso; se o seu nome é o mais esplendido brazão das grandes epochas e das grandes luctas, que as nações se honram de possuir, para nós e para a nossa patria a historia de Bernardo Peres da Silva é a historia da nossa regeneração politica, e o seu nome, recordando uma epocha memoravel, recorda o primeiro patriota, o primeiro patriarcha da liberdade, o primeiro deputado, e o primeiro governador depois da proclamação definitiva da constituição na antiga metropole do grande imperio portuguez asiatico.

Isento das honras e das mercês, superior aos rigores da fortuna, inabalavel diante dos horrores da proscripção, intrepido ante a traição e a morte, amando com ardor a patria, e sacrificando por ella a si e a sua familia, abandonada entre perseguições implacaveis ao rijo embate das paixões desvairadas, o varão illustre cujo esbôço biographicó tentâmos delinear nas paginas d'este semanario, provou aos homens o que póde ser o homem; e se em quanto viveu teve de passar por entre os huivos da calumnia, atacado até na sua vida privada por inimigos apostados a arruinar a sua reputação, em desaffronta da sua aberta hostilidade ao

despotismo e aos abusos, mereceu, depois que em seu logar ficou a memoria, que, extinctos os odios, desfeitas as prevenções, despidos os factos de illusões, radiando a virtude e começada a justiça, amigos e adversarios se unissem no sentimento commum de admiração ao seu elevado patriotismo, e todos confessassem que, na independencia de caracter e na rigidez dos principios, ninguem lhe disputava o passo ou ganhava a palma.

II

Nasceu Bernardo Peres da Silva em Neurá, nas ilhas de Goa, aos 15 de outubro de 1775, e foram seus paes o advogado Thomaz de Villa-Nova, e D. Maria Anna Velloso, pessoas distinctas por titulos illustres e pelos principios religiosos e patrioticos, com quanto a sua fortuna fosse modica, e limitados os seus recursos pecuniarios.

Quando contava os annos de infancia e lhe chegava a epocha em que a sua não vulgar intelligencia devia ser cultivada pela educação e instrucção, para mais tarde attingir a alta posição que lhe estava preparada, a morte veiu colher os seus progenitores, e o joven orphão buscou o seio de seu tio, o reverendo Caetano Peres, que n'essa epocha era parocho da egreja de Colluá de Salsete, e que foi o segundo pae do menino, seu educador e mestre.

As primeiras letras aprendeu Bernardo Peres com o seu tio, e d'elle recebeu nos annos pueris essas lições de independencia de espirito, e do amor da patria, que, inoculadas na infancia, fecundaram com a luz da reflexão no generoso caracter que nasceu predestinado para a emancipação do seu paiz. Concluido o ensino familiar, era preciso passar ao estudo das humanidades. N'esse tempo nenhumas escholas floresciam com tanto proveito da nossa terra, e com tão elevado conceito dos mestres, como as que eram estabelecidas no real e grandioso seminario de Rachol, onde os padres italianos da congregação de Rilhafolles, successores dos jesuitas no magisterio, diffundiam com uma das mãos a instrucção solida, e com a outra a educação christã. Os estudantes de diversas provincias ahi corriam para serem doutrinados sob a disciplina de tão famosos preceptores, e Bernardo Peres, que frequentava essas escholas por ordem do tio, applicou-se com tal assiduidade ao estudo, que mereceu os applausos dos professores, saíndo laureado com profundo conhecimento da lingua latina e da philosophia, de que mais tarde deu excellentes provas, compulsando com vantagem os livros de poetas e prosadores latinos, e de philosophos modernos, que lhe eram familiares, e cuja lição nunca abandonou no meio de suas arduas e afanosas occupações.

Completando os estudos preliminares dedicou-se á medicina, indo cursal-a sob a direcção do physico-mór Antonio José de Miranda. Já então deixára de existir o parocho da egreja de Colluá, e o sobrinho abandonára a comarca de Salsete para fixar a sua residencia nas ilhas de Goa. Depois de habilitado na profissão e licenceado para exercel-a, estava servindo no hospital militar, quando foi aberto o concurso para o provimento da cadeira de lente substituto da eschola medica: o joven doutor apresentou-se ao exame, e, roborando o conceito que havia conquistado na opinião do seu professor, satisfez cabalmente aos examinadores, e ganhou a cadeira.

Era Bernardo Peres um dos mais habeis facultativos do seu tempo, e tão feliz e acertado na pratica da sua profissão, que era popular o seu nome, e dogmatica a sua prescripção no tratamento de graves enfermidades. O avantajado conceito da sua pericia medica trouxe-lhe a popularidade na vida politica, e a esta deveu a sua continua eleição para os cargos do municipio, unica ambição dos homens notaveis do povo, a quem então não era dado aspirar outro cargo electivo mais elevado.

A epocha em que elle recebia o mandato de procurador do povo era fecunda em despotismos, em illegalidades e em rapinas. A politica sombria dos vice-reis, que se julgavam omnipotentes na governação, proclamando como divisa o *quero, posso e mando*, se juntava a intolerancia e a hypocrisia da oligarchia, que, abraçada aos esteios do absolutismo, se alimentava de sinecuras escandalosas, e não perdoava a individuo nenhum do povo, por mais energico que fosse, que ousasse hostilisar as suas prepotencias. A humilhação e a servidão politica do povo eram os fundamentos onde se collocava triumphante o monstro do despotismo colonial, horrendo, sinistro e secular para ser derrubado.

Apesar de viver em tão ominosa epocha, entre homens tão afeitos a toda a sorte de vexações, o patriotismo do illustre procurador revoltou-se contra as miserias publicas, e, affrontando as iras dos poderosos, luctou com elles palmo a palmo, e conseguiu que não fossem desperdiçados os fundos do municipio, e defraudados os direitos dos seus constituintes.

Se com tão exuberantes testimunhos da dedicação pela patria chamou contra si a animadversão da oligarchia, mereceu as mais vivas sympathias do povo, e, tratando de fazer de dia para dia ampla colheita d'ellas, fundou na gratidão popular a futura recompensa dos seus serviços.

A sua independencia ganhou grandes creditos com a polemica que sustentou com o vice-rei conde do Rio Pardo. Julgava-se o conde versado nas sciencias medicas, e exigia que a certos doentes do hospital militar se prescrevesse o tratamento que dictava. Bernardo Peres, medico do hospital, negou ao vice-rei o direito de ser o physico, e vendo que este insistia na sua ordem, não só respondeu que não a executava, mas até mostrou, invocando a opinião dos medicos inglezes de Bombaim, que D. Diogo de Sousa andava longe dos preceitos da sciencia nas ousadas prescripções que determinava.

O vice-rei offendeu-se com o procedimento do illustre compatriota, mas o povo sagrou-o patriota e seu caudilho.

Em 1797 se havia desposado com D. Ignacia da Conceição e Menezes, joven de treze annos, filha da nobre casa dos Menezes de Divar, e d'esta esposa, modelo de mulher forte, sempre resignada com a sorte do marido na sua tempestuosa existencia, contava na epocha a que somos chegados uma numerosa progenie, sendo primogenito Thomaz José Peres, então tenente de artilheria de Goa, e depois um dos valentes voluntarios da luzida expedição dos liberaes, que desembarcou nas praias do Mindello e plantou a liberdade; e que, elevado a alto posto militar, viveu como bravo, como bem diz o sr. Casal Ribeiro, e morreu como heroe.

(Continúa) J. C. Barreto Miranda.

VILLA DE CASTRO MARIM

(Conclusão. Vid. pag. 293)

A villa de Castro Marim pertence ao districto administrativo de Faro e á comarca judicial de Tavira: é cabeça de concelho. Tem uma unica parochia, da invocação de S. Thiago, situada outr'ora dentro do castello; mas arruinando-se completamente o templo por occasião do terremoto de 1755, foi transferida para a egreja de Nossa Senhora dos Martyres, templo antigo, restaurado pelo bispo D. Francisco Gomes de Avellar. Os outros edificios religiosos são a casa da misericordia e a ermida de Santo Antonio. Junto á actual matriz está o edificio do hospital real militar. Esta egreja

e aquella ermida estão nos arrabaldes chamados *de dentro*, por terem ficado incluidos na cêrca das fortificações feitas, segundo cremos, por occasião da guerra da restauração do reino. Fóra d'esta cêrca está outra ermida, dedicada a S. Sebastião.

O castello corôa um monte pouco elevado, que o faz sobranceiro á povoação, deixando-o bem desaffrontado para poder dominar a barra do Guadiana e alguma extensão d'este rio.

Não temos encontrado noticia positiva ácerca da fundação d'esta fortaleza. O chronista Fernão Lopes, que nomeia, na chronica de el-rei D. Diniz, todos os castellos fundados ou reconstruidos por este monarcha, não mette n'essa conta o de Castro Marim; posto que já tivesse feito menção d'elle, quando trata da instituição da ordem de Christo, e da doação que el-rei lhe fez da referida fortaleza. Não dizendo o mesmo auctor coisa alguma a esse respeito na chronica de el-rei D. Affonso III, o conquistador do Algarve, parece dever-se entender que o castello existia antes da conquista. Entretanto, em opposição d'isto vem um reparo muito natural, como é o não fallarem os chronistas, na historia d'aquella conquista, na tomada de Castro Marim, em quanto que referem a de todas as praças e castellos que os moiros possuiam n'aquelle reino. Se o castello de Castro Marim já n'esse tempo existira, não podia deixar de ser muito disputada a sua posse; e n'este caso ficaria memoria do conflicto, como ficou de muitos outros, que se nos afigura que seriam menos importantes.

Se, na falta de documentos, tem algum valor as conjecturas baseadas em argumentos plausiveis, não será desarrazoado suppôr, que el-rei D. Affonso III, logo depois de se assenhorear do Algarve, querendo assegurar a posse d'elle contra quaesquer tentativas dos moiros da Andaluzia e da Africa, tratasse de reparar os estragos feitos pela guerra nas praças e fortalezas existentes; e cuidasse ao mesmo tempo de fortificar de novo algum ponto que lhe parecesse importante para a sua defensa. N'estas ultimas circunstancias achava-se, sem dúvida, Castro Marim pela sua posição duplicadamente estrategica, pois que a ser terra fronteira da Andaluzia, juntava o predicado de estar proxima da foz do Guadiana.

As luctas travadas entre os reis seus antecessores e os moiros do Algarve, durante a qual muitas terras d'este reino foram tomadas e retomadas, chegando algumas a conservarem-se por varios annos em poder das armas christãs, como succedeu á cidade de Silves, então capital, tomada por el-rei D. Sancho I, e perdida passados tres annos; estes exemplos, dizemos, obrigariam, certamente, a el-rei D. Affonso III a pôr a sua conquista em bom estado de defensa. Isto nos suggere a razão: e isto se deprehende da chronica de el-rei D. Diniz. Na extensa relação que Fernão Lopes ahi fez dos castellos edificados e reconstruidos por este soberano em todas as provincias de Portugal, não figura um sequer do Algarve.

O castello de Castro Marim não conserva as suas feições primitivas. O terremoto do 1.º de novembro de 1755, que tantos estragos fez em todo o Algarve, causou-lhe bastante ruina. Antes d'este cataclismo, segundo diz o padre Cardoso no seu *Diccionario geographico*, impresso em 1751, contava cinco torres. O padre Carvalho na *Chorographia Portugueza*, assignalhe tres torres; porém aquelle escriptor, que é posterior a este, escreveu em muitos pontos com mais exacção.

Dentro do castello achavam-se a villa primitiva, o convento dos cavalleiros de Christo, depois quartel, e as casas dos condes de Soure, alcaides móres d'esta fortaleza. Tudo, porém, se acha arruinado. O castello tem duas portas, uma para o lado do norte, outra para o do sul.

Dizem que de cima das muralhas do castello se goza de um panorama encantador, vendo-se aos pés a villa e seus arrabaldes; depois o Guadiana; além a cidade de Ayamonte a espelhar-se no mesmo rio; para o interior muitas terras e montanhas da Andaluzia, e para outro lado a immensidade do Oceano.

Os antigos muros da villa ainda se conservam com mais ou menos alteração, occasionada pelas novas obras com que foi melhorada a fortificação. Tem esta cêrca tres portas: a *da villa*, e mais duas, que fecham os arrabaldes, uma que olha para oéste, chamada de *S. Sebastião*, e a outra, denominada de *S. Antonio*, que dá saida para o rio, no logar em que se faz a communicação da villa com a cidade de Ayamonte.

Além da cêrca tem o *forte de S. Sebastião*, guarnecido de artilheria, obra de el-rei D. João IV, o qual se communica por um caminho coberto com o castello.

Dentro da villa não ha edificio algum, publico ou particular, que mereça menção; nem rua ou largo, que não sejam irregulares.

Da parte de fóra dos muros estão os arrabaldes, chamados *Arrabaldes de Fóra e Ribeira*, por onde a povoação se tem estendido.

Junto da villa ha uma fonte abundante e de excellente agua.

O porto de Castro Marim é accessivel a navios de alto bordo, pois que estes entram facilmente a barra do Guadiana, e navegam até Pomarão, porto já na provincia do Alemtejo, ao presente muito frequentado de navios de vela e movidos por vapor, que alli vão buscar o minerio da magnifica mina de cobre de S. Domingos.

Entretanto, a navegação e commercio maritimo de Castro Marim são de pouca importancia, e quasi que apenas costeiros, entretendo, todavia, relações com Lisboa e Gibraltar. Alimenta-se o commercio de exportação, além da producção de pescarias, ramo de industria actualmente muito decadente, dos productos da agricultura, e de alguns da industria manufactureira. Estes consistem, principalmente, em obras de palma, e rendas de linha, trabalho em que se empregam muitas mulheres.

O concelho de Castro Marim é pequeno, mas contém bons terrenos, regados por varias ribeiras e bem cultivados, pois a agricultura tem tido alli bastante desenvolvimento, com que se tem reanimado alguma coisa o commercio, compensando-o de certo modo da decadencia das pescarias. As suas principaes producções são: legumes, trigo, azeite, e diversidade de frutas, d'entre as quaes a laranja e o limão figuram bastante nos mappas da sua exportação. As suas salinas, apesar de que algumas se achem arruinadas e abandonadas, ainda produzem muito e bom sal, de que se abastecem differentes terras do litoral e do interior. Tem alguma criação de gados, e não é falto de caça, o que faz a villa abundante de carne, como tambem o é de variadas especies de peixes do rio e do mar.

Na costa do Oceano pescam-se, entre outras, as seguintes variedades: pescada, cavalla, cherne, congro, corvina, doirada, enxarroco, espadarte, atum, goraz, linguado, lixa, lula, moreia, pargo, peixe agulha, peixe espada, polvo, robalo, sardinha, rodovalho, ruivo, tamboril, tainha, etc. No rio Guadiana pescam-se barbos, saveis, solho, enguia e eiroz.

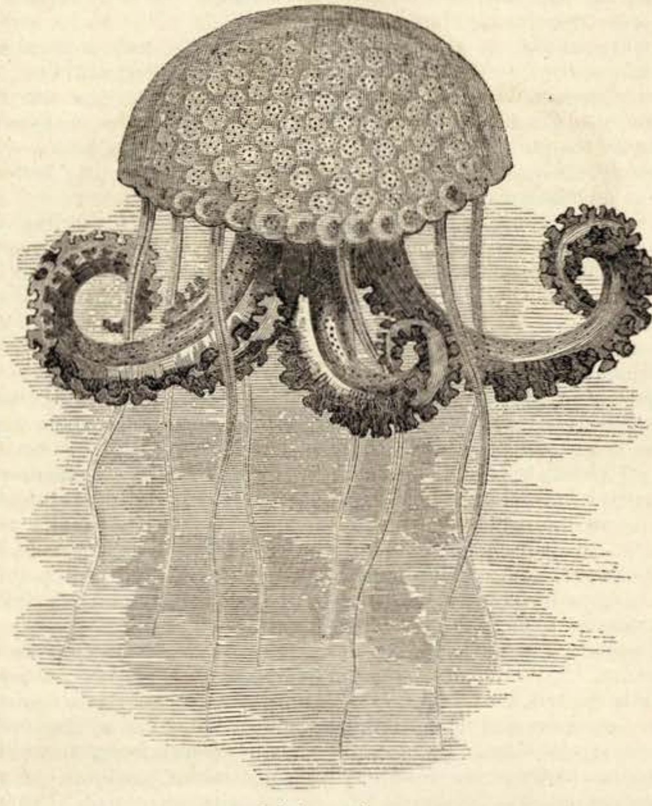
Castro Marim foi elevada a cabeça de condado pelo principe regente, por decreto de 14 de novembro de 1802, em favor de Francisco de Mello da Cunha Mendonça e Menezes, 8.º monteiro-mór do reino, a quem o mesmo principe fez marquez de Olhão no anno de 1808. Extinguiram estes titulos por morte do 2.º marquez de Olhão, e do filho primogenito d'este, D. Francisco, 3.º conde de Castro Marim, fallecido em fevereiro de 1834.

A gravura de Castro Marim, que se encontra a pag. 293, é cópia de um excellente desenho original, que a empreza d'este semanario deve ao obsequio do seu auctor, o sr. tenente da Armada, Celestino Soares, filho do chefe de divisão da Armada, o sr. J. P. Celestino Soares, distincto academico, a quem a litteratura patria é devedora da bella obra dos *Quadros Navaes*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MEDUSAS OU ALFORRECAS

Quem tem viajado no Tejo, desde a barra até Sacavem, e ainda mais longe, durante a primavera e o verão, conhece perfeitamente esses animaes gelatinosos e transparentes, a que os naturalistas dão o nome de *medusas*, e que em o nosso paiz são denominados *alforrecas*. É no estio, principalmente, e ainda no começo do outono, que entram n'este porto em grande quantidade. Vogando á mercê das ondas, ora são levadas pela corrente, ora são impellidas para as praias, onde a maré as deposita e deixa, em fim, sobre a areia. E então, quer se avisinhem da terra, fluctuando no remanso das aguas; quer se estendam no areial, brilhando como prata aos raios do sol, e tremendo ao mais leve sopro das brisas, fazem tal medo ou nojo ás damas, que se banham no Tejo, que não ha ahi, por certo, uma só que seja, que não conheça, por cara experiencia, as alforrecas, não obstante estes animaes serem inoffensivos.



Pelagia noctiluca

As medusas são animaes sem vertebras, de uma substancia gelatinosa, diaphana e variada nas côres. Tem o corpo de fórmas regulares e esphericas; de superficie lisa; mais ou menos convexo na parte superior, concavo ou achatado na inferior; com diversos appendices, como braços nas bordas, ou sem elles; e com muitas bocas, ou só com uma, inferiormente.

Á primeira vista parecem corpos sem animação, e destituidos de orgãos vitaes. Examinados, porém, com attenção, reconhece-se que são dotados de vitalidade, e com uma organisação, posto que muito simples, perfeitamente disposta para as diversas funcções da existencia animal.

A transparencia do corpo deixa distinguir no interior d'elle certas linhas coloridas. Depois de tiradas do mar dissolvem-se promptamente por evaporação, ficando reduzidas a quasi nada. A cocção tambem dá o mesmo resultado.

Esta facilidade com que se alteram e dissolvem tem difficultado as observações e estudo dos homens da sciencia, ácerca de todas as particularidades da sua organisação. Alguns naturalistas tem conseguido observar em certas especies um ou mais estomagos, veias ramificadas, ovario e cavidades, ou cellulas, contendo ar ou agua. Todavia cremos que a sciencia ainda não alcançou noções exactas sobre a sua estructura interior, apesar de mr. Bory de Saint Vicent, e outros naturalistas distinctos, terem feito alguns descobrimentos com o auxilio do microscopio.

As medusas ou alforrecas vivem em todos os mares, seja qual for a latitude. Commummente andam no mar largo, porém, tambem se aproximam das costas, entrando nos rios até onde chega a agua salgada. Sob os climas quentes apparecem á superficie da agua em todos os mezes do anno. Sob os climas frios ou temperados apenas se deixam ver quando a primavera vae adiantada, durante o verão e principio do outono.

Não obstante deixarem-se levar do impulso das ondas ou da maré, quando o vento é forte e o mar grosso, é fóra de dúvida que se movem com certa rapidez, sustentando por muito tempo esses movimentos accelerados. Nadam, contrahindo e dilatando alternadamente o corpo, que apresenta a fórma de uma umbella.

Nutrem-se de differentes especies de peixes pequeninos ou de quaesquer outras substancias animaes; servindo-se dos appendices ou braços, de que acima fallámos, para respirarem e tambem para agarrarem a preza, e levarem-n'a á boca. Fazem digestão com muita brevidade e reproduzem-se de um modo prodigioso. Ignora-se, porém, ou, pelo menos, ignorava-se até ha poucos annos, a maneira por que se reproduzem.

As medusas constituem uma familia natural, que se compõe de differentes generos, e cada um d'estes de numerosas especies, muito variadas na fórma e na côr. Estendidas nas praias não tem graça nem belleza, porque não se lhes divisam as fórmas, já tem perdidas as côres, e, achando-se em estado de decomposição, mais ou menos adiantada, o seu aspecto é nojento. Porém, observadas no mar, mostrando a fórma engraçada de uma umbella ou de um sino, com sua guarnição de diversos appendices, ora bordando-lhe o disco, á maneira de franja delicada, ora resaltando e pendendo do centro da cavidade, como longos festões; ostentando através das aguas do Oceano o azul claro, o roxo, a côr da rosa e do lilás, dispostas em desenhos bonitos e symetricos na substancia diaphana do seu corpo; vendo-as nadar com movimentos graciosos ou fluctuar preguiçosas, como querendo ser embaladas pelas vagas, são elegantes e não lhes falta formosura, mau grado das damas, que as detestam. E quando acontece a algum navio passar, durante a noite, junto de um grande cardume d'ellas, o que não é raro succeder, offerecem então á vista dos tripulantes da embarcação um espectaculo maravilhoso, porque, sendo a maior parte das medusas phosphorecentes, deitam de si uma luz, pallida e azulada, como a do

phosphoro, mas que brilha na escuridão da noite com phantastico resplendor. Algumas especies, por effeito de uma secrecção acre, tem a propriedade de causar dor e entorpecer por momentos a mão de quem n'ellas tocar. Por esta razão lhe chamavam os gregos na antiguidade *ortigas do mar*. E n'isto consiste o unico meio de defensa d'estas inermes creaturas, victimas a cada momento da voracidade não só dos monstros, mas tambem de quaesquer animaes que povoam os mares.

Não variam as especies sómente na fórma e nas côres, mas tambem no tamanho. As maiores vivem nos mares das regiões quentes, e as mais pequenas nos das regiões frias.

Das que costumam entrar no Tejo conhecemos umas quatro ou cinco variedades, a mais commum toda branca; as mais bonitas mostrando, como que entalhada nas suas umbellas alvissimas, uma cruz de Malta, de lindo azul celeste, em uma especie, e côr de rosa em outra.

As gravuras que dizem respeito a este artigo representam duas especies de generos differentes, chamadas *pelagia noctiluca* e *cyanea de bellas madeixas*. São notaveis, a primeira pelos lavores, como estrellas, de que é bordada toda a umbella, e de que lhe provém o nome; a segunda pelos appendices que lhe guarnecem o disco ou borda da umbella, como cabellos ondeantes, cuja similhança tambem deu origem ao nome porque é mais conhecida.

D'esta disposição dos appendices é que veiu para toda a familia o nome bem pouco apropriado de *medusas*.



Cyanea de bellas madeixas

Como a Medusa da fabula se representa com a cabeça povoada de serpentes, em vez de cabellos, julgámos achar alguma parecença na umbella das alforrecas com a parte superior de uma cabeça humana, e nos appendices que a orlam, em certas especies, com pequenas serpentes. Todavia, deve-se confessar, que o nome da terrivel Gorgona mal póde quadrar a tão inoffensivas creaturas.

I. de Vilhena Barbosa.

D. JOÃO DE CASTRO

(Conclusão. Vid. pag. 291)

V

Eis o que foi a India no tempo de D. João de Castro! E o segundo cêrco de Diu mostra-nos bem o que podiam no animo dos nossos antepassados os austeros exemplos e a branda intimativa da virtude. Porque no cêrco de Diu não se revelou só o heroismo dos portuguezes; o seu valor nunca afrouxou, mas resuscitaram, o que mais vale, os antigos brios, as questões de pundonor, os rasgos de desinteresse e a cavalheiresca abnegação! No espirito do soldado, por mais que o tenham corrompido os gozos da riqueza e as cubiças infrenes, ha sempre estas fibras adormecidas que despertam quando mão generosa as sabe fazer vibrar. Os piratas, que praticam grandes feitos, tem por força no fundo do coração sentimentos superiores aos actos repugnantes que as más paixões os excitam a commetter. O exemplo é tudo para elles; hyenas ou leões, conforme o espirito que os dirige, é baixo ou nobre.

Dissemos no capitulo antecedente que o vulto de D. João de Castro era um pouco theatral. Concorrem para o fazer parecer assim as predilecções bombasticamente oratorias do seu biographo Jacinto Freire. Comtudo, ainda fazendo o devido desconto ás exaggerações do estilo, não acceitando como ponto de fé o caso das calças de D. Alvaro, cortadas pelo pae com tesoura romana para dar ao filho e ao alfaiate uma lição de catonica austeridade, desculpando ao caso do penhor das barbas o que tem de affectação theatral em attenção aos elevados sentimentos que n'elle se traduzem, suppondo que o seu dedicado biographo foi quem imaginou que era rasgo de desinteresse o arrancar o vicerei as arvores de fruta da Penha Verde para as substituir por arvores de sombra, quando não foi talvez senão uma prova de bom gosto do scismador solitario, que preferia para docel dos seus meditativos passeios a frondosa côpa dos carvalhos á pallida folhagem das oliveiras ou á verdura monotona das macieiras, dando tambem a Jacinto Freire a responsabilidade do discurso do vice-rei á hora da morte, em que elle diz aos fidalgos que não tem em casa dinheiro para comprar uma gallinha, ainda fica o nosso heroe com a responsabilidade completa d'aquelle triumpho romano, reminiscencia de erudito que enlevava Jacinto Freire, mas, que hoje nos faz sorrir...

Confessemol-o... A virtude de D. João de Castro não era das que se escondem voluntariamente na sombra. A feição romana do seu caracter é um pouco modelada pelos desenhos de Plutarcho. Manifesta-se com ostentação o seu incontestavel desinteresse. A sua austeridade gosta de produzir effeito. Innocente vaidade que ainda assim era n'esse tempo util! Porque os vicios dos portuguezes deram brado na India, e para destruirem essa funesta impressão necessario era tambem que as suas virtudes dessem brado. A luz serena que emanava do palacio do governador não devia simplesmente allumiar, mas deslumbrar tambem. A imaginação indiana devia ser fascinada por aquelles esplendores do triumpho e por aquella virtude que se affirmava em rasgos tão theatraes, como o de empenhar as barbas, desculpando-se de não dar por penhor o cadaver de seu filho D. Fernando, porque o não permittia a corrupção da sepultura.

Não querendo por fórma alguma diminuir as proporções do grande vulto de D. João de Castro, e de-

sejando apenas comprovar o que dissemos de que tinha o seu espirito uma certa feição theatral, relemos a carta authentica publicada n'este mesmo periodico a pag. 317 do vol. VI, e encontrámos o seguinte periodo:

«Mas para que tenhaes por mais certo o vosso pagamento, e não pareça, a algumas pessoas, que por alguma maneira podem ficar sem elle, como outras vezes aconteceu, vos mando aqui uma provisão para o thesoureiro de Goa, para que dos rendimentos dos cavallos vos vá pagando, entregando toda a quantia que forem rendendo, até serdes pagos.»

Ora claro está que onde havia um penhor tão seguro e tão solido, as barbas não vinham a ser mais do que uma bonita amplificação rhetorica; mas essa amplificação produziu um magnifico effeito. Os vereadores, enternecidos, devolveram as barbas e a provisão, e enviaram o dinheiro, que depois lhes foi pago integralmente; as damas de Goa mandaram as joias, que D. João de Castro não acceitou, e na India toda, em fim, a impressão foi immensa e altamente salutar.

Devemos por isso suppor que D. João de Castro era um fanfarrão de virtude, *posant*, como os francezes dizem, diante da posteridade? Não; a virtude era n'elle natural, o desinteresse era n'elle instinctivo. Sempre o fôra desde que em Tunis recusára uma gratificação de Carlos V, quando a acceitavam todos os outros fidalgos seus companheiros. Mas D. João de Castro era erudito e muito erudito; fôra educado no meio do enthusiasmo da *renascença*, pela antiguidade pagã, no meio d'essa esplendida mascarada em que tudo se vestia á romana, pensamentos e phrase; em que o ideal antigo era a suprema aspiração d'esses pagãos do christianismo, em que uns se namoravam de Cicero, como o cardeal Bembo, e não proferiam uma palavra que não viesse nas obras do grande orador; em que outros se namoravam de Virgilio, como o poeta Vida, e cantavam a paixão de Christo como o poeta latino a morte de Marcello; em que outros, finalmente, se namoravam de Plutarcho e pautavam as suas acções e as suas palavras pelo pomposo modelo do *De Viris illustris*.

D. João de Castro tambem de Plutarcho se namorára. Versado nas letras classicas, como o demonstra nos *Roteiros*, onde, a par do merecimento scientifico, se revela tambem uma profunda erudição litteraria, as suas reminiscencias de estudioso intervinham habilmente nos actos do governador. Até isso lhe foi util. Nas epochas de decadencia, em que reina o vicio desenfreado, tem a virtude de ser ostentosa.

VI

É este um dos poucos vultos da historia d'esse tempo ácerca do qual não temos de mencionar a ingratidão dos reis. Tambem lhe valeu por esse lado o estrondo de que se rodeavam, em resultado d'esta indole apparatosa que apontámos, as suas virtudes e os seus triumphos. Na India e no reino commentavam-se as suas minimas palavras, repetiam-se com applauso todos os seus actos, a fama das suas victorias percorria todo o Oriente, e chegava a Portugal repercutida por milhares de echos lisonjeiros. A intriga, que se compraz na sombra e no murmurio, recuava diante d'este esplendor e d'esta sonoridade. Além d'isso, o infante D. Luiz não cessava de o favorecer; sua propria esposa, D. Leonor Coutinho, valida da rainha D. Catharina, servia-o acaloradamente. Contribuiu tudo para que fosse a recompensa proporcionada aos serviços. A prorogação do seu governo por mais de tres annos, o titulo de vice-rei outorgado, titulo que depois de D. Francisco de Almeida só haviam logrado obter D. Henrique de Menezes e D. Vasco da Gama, uma ajuda de custo annual de dez mil cruzados, e a nomeação de general do mar conferida a seu filho D. Alvaro de Castro, taes foram os premios inauditos com que se recompensou o merecimento. Era a primeira vez que similhante coisa succedia! Pela primeira vez a virtude era favorita da realeza!

Folgâmos com isso, mas não deixâmos de notar com amargura que D. Francisco de Almeida teve sempre que luctar com as intrigas cortezãs; que Affonso de Albuquerque baixou ao tumulo cortado por infinitos desgostos; que Duarte Pacheco entregou as suas mãos de Achilles ás algemas aviltantes; que D. Nuno da Cunha achou nas ilhas, á volta da India, os grilhões que D. João III lhe enviava como recompensa ao encontro. Sempre é bom anticipar um pouco por si o juizo da posteridade. A virtude nimiamente modesta, a que não se affirma com estrondo, expõe-se a que a intriga a abafe.

É esta a feição menos louvavel talvez do caracter de D. João de Castro. Não nos queixemos d'isso. A coroa ovante devia poisar bem na sua fronte nobre, e a mão victoriosa e sem mácula podia sem desdoiro empunhar a palma triumphal.

A posteridade ratificou solemnemente o juizo dos contemporaneos, e o vulto de D. João de Castro é ainda por nós reverenciado como a viva personalisação dos brios portuguezes, da lealdade cavalheiresca e da escrupulosa integridade. No meio da corrupção geral da India portugueza n'essa era de decadencia, o quarto vice-rei surge-nos diante dos olhos como a estatua severa de Bruto ou de Catão nos triclinios voluptuosos onde tripudiava, ebria e devassa, a impudica orgia da Roma imperial. M. PINHEIRO CHAGAS.

A SOBRINHA DO SENHOR PRIOR

(Vid. pag. 295)

II

Maria do Carmo, que até aos dezeseis annos fôra uma rapariga preciosa, porém nada mais que rapariga, começou, ao chegar a esta edade, a mostrar tal desenvolvimento physico, que em menos de anno se transformou em uma das mulheres mais formosas de Madrid.

Um rapaz de humilde porte, mas gentil, começou a rondar-lhe a rua e a olhar-lhe para as janellas. Não era isto muito indifferente para Maria do Carmo, porque o rapaz não lhe parecia qualquer papalvo, e quando o via andar rua acima, rua abaixo, compunha-se quanto possivel á vidraça e logo chegava á janella, correspondendo com um sorriso ao sorriso do cortejador.

O senhor prior notou isto, e chamou uma tarde a sobrinha ao seu escriptorio.

— Minha filha, disse-lhe, bem sabes que te prezo como te prezava teu pae, e desejo-te feliz. Dize-me cá: quem é esse rapaz que passeia na rua, de cima para baixo, de baixo para cima, e olha e sorri para ti quando te vê na janella?

Maria do Carmo córou como um cravo, e balbuciou algumas palavras, negando que tivesse reparado no mancebo que lhe rondava a janella.

— Ora vamos, minha filha, dize-me a verdade, e não te envergonhes, que o affecto puro e honrado dos rapazes nada tem de vergonhoso. Agrada-te esse moço?

— Sim, meu tio.

— E sabes quem é?

— Não, senhor.

— Como se chama?

— Tambem não.

— Pois não te afflijas, que eu o saberei; e se te agrada e elle gosta de ti, e é digno da tua mão, casar-te-hei com elle, que és pobre, e no dia em que eu te faltasse não ficarias em boa situação.

No dia seguinte, o senhor prior levou ao conhecimento de sua sobrinha que o rapaz que lhe rondava a janella era um honradissimo alfaiate, com o qual tivera o prazer de fallar.

Maria do Carmo não agradeceu a noticia, e ficou triste e pensativa.

— Porque entristeceste, minha filha? perguntou-lhe o tio. Não te agrada já o rapaz?

— Não me desagrada, não; porém bem vê, tio... um alfaiate...

— Tu não és nenhuma condessa ou marqueza. O que tu careces é de um homem de boas qualidades physicas e moraes, que seja teu amigo e possa sustentar-te com decencia. Taes qualidades tem esse rapaz, e farás mal em rejeital-o só porque é um simples artista.

— Tem razão, meu tio.

— No domingo virá pedir a tua mão, e espero, pois, que não o desprezarás.

No dia seguinte, sairam D. Cyriaca e Maria do Carmo para ver se encontravam em algum cauteleiro um quarto de bilhete da loteria que tivesse o numero dos quartilhos de agua que os taberneiros da capital lançam quotidianamente no vinho, estatistica que proporcionára a D. Cyriaca um famoso publicista que andava nas mais sérias investigações para escrever uma memoria, em que se demonstrasse que a escassez de agua que em Madrid se experimentava, provinha do excessivo numero de tabernas. Encontraram-n'o em uma loja proxima do hospicio, e como tinham chegado tão perto da porta de Bilbáo, aproveitaram a occasião para dar um passeio por Chamberi.

Estava muito distrahida D. Cyriaca contando os zurros que dava um jumento, para se habilitar com esse numero na primeira extracção, quando uma cigana velha, desalinhada e grosseira, se dirigiu a Maria do Carmo, dizendo:

— Minha joiasinha, mais loira que o sol doirado, e engraçadinha, mais engraçada que os anjos do ceo, tu deves ter boa sorte. Queres que a ciganasita advinhadora de corações e coisas futuras te diga a sina?

Vendo que Maria do Carmo respondia negativamente com um gesto desprezador, a cigana recuou para se afastar; mas reparando em D. Cyriaca, lá se lhe figurou que se entenderia melhor com esta fregueza, e então exclamou com alegria:

— Nobre senhora, amparo da pobre cigana, quiz Deus que sua mercê viesse por aqui, para que sua mercê e esta bella rosita, que a acompanha, ouvissem a buenadicha.

— Se for tão boa como quando me disse que me habilitasse na loteria com o numero de degraus que tem a torre de Santa Cruz!... replicou D. Cyriaca seccamente.

— Pois contou-os, nobre senhora, e entrou na loteria e não lhe saiu premio?

— Nenhum.

— Juro a sua mercê, pelas estrellas do ceo, que são coisa mui alta, que se não ganhou, é porque contou mal os degraus.

— Contei-os desde o primeiro até ao ultimo.

— Devia-os contar desde o ultimo até ao primeiro, é o que lhe diz esta ciganasita, que não engana ninguem.

— Então a conta não é a mesma?

— Havia de ser a mesma, nobre senhora!...

D. Cyriaca, a quem por fraqueza da intelligencia estas coisas causavam grande impressão, porque se via obrigada a applicar-se para fazer uma simples operação arithmetica, pôz-se a calcular se o numero de degraus principiando a contar de cima, era o mesmo que principiando a contar de baixo, e reflectindo que se confundia, desistiu do calculo, e arrependeu-se de ter duvidado da infallibilidade da cigana.

— Dizemos, ou não, a buenadicha a esta florsinha?

— Sim, diga, diga, que não será mau ouvil-a, respondeu D. Cyriaca.

— Ora deixeme-nos de tolices, disse Maria do Carmo, retirando a mão branca e formosissima, que a cigana queria prender entre as suas mãos séccas e negras.

— Chamas tolices á minha *sciencia*, seraphim do ceo? Ha cincoenta annos que digo a sina a quantos e quantas querem sabel-a, e a minha *sciencia* ainda não errou.

Maria do Carmo olhou para D. Cyriaca como se lhe pedisse conselho, e D. Cyriaca aconselhou-a, como pessoa que gostava do gracejo, a que permittisse dizerem-lhe a buenadicha, porque com effeito estava convencida de que a sciencia da cigana era infallivel.

A cigana tomou a mão da rapariga, e disse, indicando com o seu dascarnado dedo as linhas da mão de Maria do Carmo:

— Esta linha que tem esta fórma, parecendo que deita dois raminhos um a olhar de cima para baixo e outro a olhar de baixo para cima, é um *E*, e quer dizer *emprego*... Estas duas linhas que se juntam pelos extremos de um lado como se se casassem alli, e se separam do outro lado como se se aborrecessem, são um *A*, e significam *alto*. Linda flor, encantadora menina, a tua sorte será das melhores, pois te casarás com um homem que ha de ter o emprego mais alto da côrte de Hespanha.

Os olhos de Maria do Carmo brilharam de alegria e orgulho, e os de D. Cyriaca inundaram-se de lagrimas de ternura e alegria.

— Vês, minha filha, vês, bem o dizia tua mãe, que Deus haja, que tinhas de casar com um principe! exclamou D. Cyriaca abraçando e beijando cheia de enternecimento a Maria do Carmo. Ora vejam! o emprego mais alto da côrte!... O teu noivo será pelo menos ministro ou coisa parecida!

D. Cyriaca e Maria do Carmo chegaram a casa tão cheias que não cabiam nas saias (ainda então se não usavam mirinaques), e a primeira coisa que fez Maria do Carmo foi dizer, em tom de decisão, ao tio que não se casava com o alfaiate, porque ella não se penteava para homens que tivessem emprego tão baixo.

Pouco depois chegou á janella para se entregar alli ao seu dulcissimo sonho de gloria, e viu parado no passeio defronte o pobre alfaiate, que a olhava com o costumado sorriso.

Maria do Carmo, em vez de responder áquelle sorriso com outro, poz-se mais sisuda que uma beata, e dando apressadamente uma volta na janella, retirou-se.

III

Passaram-se mezes e tambem annos, e Maria do Carmo estava cada vez mais formosa.

Nos jardins publicos, no theatro, nos bailes, em toda a parte, em fim, onde apparecesse, cercava-a multidão de adoradores e cortejadores, especie de moscardos que zumbem em torno da mulher bonita, embora a vejam por primeira vez. Com frequencia, pois, ouvia declarações de amor, que não tomava pelo serio, tanto porque esperava muito, confiando na predicção da cigana, que tinha sempre mui presente, e na qual acreditava cada vez mais; como porque aquellas declarações não se lhe faziam com a reserva que deve exigir toda a rapariga delicada e honesta.

Um mancebo elegante e bem parecido lhe dirigiu algumas palavras, não de amor, senão de puro galanteio, em um concerto a que assistia com D. Cyriaca, e no dia seguinte encontrou-se com uma carta d'aquelle mesmo mancebo, que com toda a cortezia lhe pedia a mão de esposa, dizendo-lhe que a sua posição era boa e desembaraçada, pois era dono de um dos melhores estabelecimentos de commercio de Madrid.

Maria do Carmo e D. Cyriaca resolveram celebrar conferencia, como se diria em phrase diplomatica, a fim de discutir aquelle grave assumpto com a circumspecção que merecia, porém guardaram-se de convidar para ella o senhor prior, porque não sendo este sabedor da predicção da cigana, que se haviam abstido de referir-lhe, porquê o bom prior, como homem desempoeirado, não cria em taes patranhas, e levava a mal que os demais acreditassem n'ellas, havia de opinar ás cégas e sem acceitar discussão, porque Maria do Carmo promettesse immediatamente a sua mão ao honrado commerciante.

Fecharam-se ambas no quarto, tomaram assento, e Maria do Carmo, depois de ler o documento que ia ser objecto de suas deliberações, pergunta a D. Cyriaca:

— Que lhe parece?

— Gostas do rapaz?

— Gosto, porque é delicado e bom.

— Apesar d'isso, farás mal se casares com elle.

— Por quê?

— Porque mereces muito mais que um commerciante.

— E se não apparecer outro noivo melhor?

— Oh rapariga! não sabes o que te ha de apparecer, não sabes que te disseram que havias de casar com o homem que tivesse o emprego mais alto da corte, o que é o mesmo que dizer-te que te has de casar pelo menos com um ministro...

— É verdade que me disseram isso.

— E não o acreditas?

— Sim...

— Não o acreditarás devéras, em quanto não desprezares todos os noivos que não sejam o promettido.

— Crê vossemecê sem a menor repugnancia no que a cigana nos disse?

— Creio como em que hei de morrer. Se quando eu era rapariga acreditasse, como agora acredito, na minha sina, não ficaria para tia, não. Depois de deitar-me as cartas e ver-me as linhas da mão, disse-me uma d'essas ciganas: «Saberás que te vae sair um noivo alcaide. Casa-te, pois, com o primeiro noivo que te apparecer, porque será esse o que a cigana te promette». Dias depois appareceu-me, com effeito, um noivo, cujo nome me era desconhecido; mas como não era alcaide, nem sequer beleguim, porque era um sapateiro, e nada mais, desprezei-o e suppuz que a cigana me havia enganado. Passou menos de um anno, e, indo ver uma amiga que se acabára de casar, achei que seu marido era o noivo que me estava promettido e se chamava João Alcaide. Ninguem depois me tornou a encontrar merecimentos, e fiquei solteira por não ter acreditado na cigana aos pés juntos.

— Eu não quero que me succeda o mesmo. Julgo que a cigana de Chamberi me fallou verdade, e portanto decido-me a rejeitar o que me escreveu esta carta, porque muito louca seria uma mulher em se casar com um commerciante, podendo casar-se com um ministro e ter excellencia.

— Approvo a tua resolução, minha filha. Sempre ha alguma differença entre um balcão e um palacio!

Maria do Carmo rejeitou, pois, o commerciante como rejeitára o alfaiate.

Decorreram mais dois annos, e Maria do Carmo foi rejeitando outros dois noivos, pela simples razão de que a sua cathegoria não passava de logista ou commerciante, e ella aspirava pelo menos a um ministro.

Um dia entrou o senhor prior em casa radiante de contentamento e orgulho, annunciando que trazia grande noticia para Maria do Carmo.

Esta e D. Cyriaca, alvoroçadas com o annuncio e contentamento do prior, interrogaram-n'o.

— Ora vamos, minha ambiciosa, disse o prior a Maria do Carmo, conseguiste, em fim, casar-te com um homem que está cem varas mais alto que os alfaiates.

— Que quer dizer com isso, meu tio?

— Quero dizer que nada menos que um conde, o conde de Altos-Fumos, a quem já conheces de vista, me pediu a tua mão.

Maria do Carmo e D. Cyriaca olharam-se como se dissessem uma para a outra: «Hein? que tal? Dentro em pouco se cumprirá a prophecia da cigana!»

— E que respondeu o tio?

— Que precisava consultar-te, e que, se tu levasses isso em gosto, eu, por minha parte, me não opporia. Ora, filha, supponho que acceitarás com alegria a mão do conde, mas pareceu-me que não devia dizer-lhe que sim, apenas abriu o bico.

— Fez muito bem em não dizer-lhe que sim, pois francamente... francamente, o conde é bom rapaz e rico, porém eu espero casar com um homem que valha ainda mais.

— Em nome do Padre, do Filho... credo! rapariga, endoideceste ou brincas com teu tio?

— Não, senhor, nem endoideceu nem brinca. O conde de Altos-Fumos é nobre e rico; porém Maria do Carmo merece outro homem mais alto, e com outro mais alto se ha de casar.

— Por Maria Santissima, cale-se D. Cyriaca, e não diga mais disparates, porque vossemecê com os seus ápartes simplorios é que põe nas pontas dos pés essa rapariga.

— O senhor prior é que se ha de calar, porque não sabe da missa a metade...

— Pois vossemecê atreve-se, exclamou o prior indignado, a fazer observações ao desempenho do meu ministerio...

— Não, senhor prior; não digo nada d'isso... o que digo é... o que sua irmã, que Deus haja, diria... era que Maria do Carmo havia de casar-se com um principe.

— Eu bem digo, e repito, que não é possivel fallar com vossemecê. Atrapalha tudo... ou é deixal-a, ou matal-a... Falla tu, Maria do Carmo, que tens mais juizo... Não acceitas o bem que Deus te envia?

— Deixe-me pensar, e eu lhe responderei depois, meu tio.

— Pois pensa até ámanhã, minha filha, porque ámanhã mesmo é que eu tenho de responder com um sim ou um não ao senhor conde.

N'aquella noite Maria do Carmo e D. Cyriaca tiveram nova conferencia, e resolveram que o conde não satisfazia as condições indicadas pela cigana, porque, em fim, era um senhor mais ou menos nobre, mas não tinha outro emprego senão o de viver das suas rendas.

O prior, vermelho de indignação e vergonha, levou no dia seguinte ao conde de Altos-Fumos a negativa com que o obsequiava a formosa Maria do Carmo.

(Continúa)

São os portuguezes notados de maledicentes e murmuradores uns dos outros, contra o bom costume das outras nações, que todos se gabam e louvam, e não acham demais o que apregoam dos compatricios; d'onde veiu a dizer Francisco Rodrigues Lobo:

Ouvir qualquer estrangeiro
Fallar de seus naturaes,
Dá d'elles tão bons signaes,
Que o não tem por verdadeiro.

Fallem-vos n'um natural,
Direis faltas que não tem:
Mente o outro para bem,
Nós mentimos para mal.